

O CONSTITUINTE



CONCURSO
INTERNACIONAL
DA UNIÃO BRASILEIRA
DE ESCRITORES (UBERJ,
PRÊMIO MARTINS PENA)

**MENÇÃO
HONROSA**

ANA PAULA ARENDT





O CONSTITUINTE



ANA PAULA ARENDT

BRASÍLIA
2016



Capa:

Luiza Manhães

Pintura da capa:

Efígie da República dos Estados Unidos do Brasil,
Manoel Lopes Rodrigues, 1896

Projeto Gráfico:

Railssa Alencar

Diagramação:

Ars Ventura Imagem e Comunicação

Revisão:

Francisco Merçon

Impressão:

Gráfica Prudentópolis

Agradecimento:

Itamaraty

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A728c

Arendt, Ana Paula, 1980-

O constituinte / Ana Paula Arendt. - 1. ed. - Brasília, DF : Só Livro Bom, 2016.

116 p. : il. ; 21cm

ISBN 978-85-920755-6-9

1. Poesia brasileira. I. Título.

16-30711

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

25/02/2016 25/02/2016

Direitos reservados.

Só Livro Bom/Ana Paula Arendt

E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com

Site: www.anapaulaarendt.com

Foi feito o depósito legal.

Copyright © Só Livro Bom 2016

*Um registro para meus filhos do notável espírito da
Constituição de 1988, que emergiu da inconsciência
de todos, por arte do ofício parlamentar, em uma
solene salva de aplausos;*

*Em memória à Barbara Heliodora, filha de Anna
Amélia Carneiro de Mendonça, poetisa que trouxe o
futebol à vida no Brasil;*

Um papel para Theodoro Cochrane;

*Uma recordação ficcional literária do lindo
discurso de Afonso Arinos.*

Anne Pauline Prendt



O CONSTITUINTE





PERSONAGENS

Odacir, Olavo e Ronaldo. Trigêmeos de Teresa.

Affonso. Senador em que se agregam os Constituintes.

Teotônio. Jurista ensimesmado.

Mário. Melhor amigo de Teotônio, um turrão de coração íntegro e reto.

Callista. Amante e musa de Affonso, corpo feminino que encarna a Constituição de 1988.

Porfírio. Homem que não desposou Callista, mas que passa a tratá-la como sua posse após vê-la interessada em Affonso. Encarna o núcleo narcísico do governante autoritário.

Mil Demônios. Servidores obedientes que observam os fatos e a letra da lei à luz da vontade de Porfírio, banquetecendo de seus butins. Ocasionalmente se revezam ao falar.

Jacinto. Espião afoito em provar valor e competência frente a ditadores ausentes e militares indispostos. Com maxilar

enorme e corpulento, anda desengonçado, querendo parecer sutil e mais elegante que os Parlamentares.

Milton. Mestre de Affonso na juventude.

Lili. Esposa de Mário.

Felisberta. Dama da corte integralista do Rio.

Messias. Parlamentar cético, carismático, nordestino, cantor de repentis, tragado pelas forças contrárias, forçado ao ostracismo e retornado posteriormente à política.



CENA I



Música de abertura: a fabulosa melodia de Carlos Gomes, O Guarani.

Arrastava o vento a poeira cinabre,
No planalto ermo, incandescente;
Agitava do Panteão a tenaz labareda
Finda a décima segunda hora ingente.
Voava no horizonte, sincera a ave
Bosquejava a nuvem, ensolarado o índigo.
Singrava no mar idílico, e suave
Tinha asa leve, em movimento límpido.
Detrás de um vidro, a mão no queixo,
Alva construção despertava, contemplativa
De dois lauréis reservados aos bons gestos,
Que na virtude trabalhavam em silêncio.
Mas sons de calos recobertos marcham;
Sinetas áridas a três homens calam.
Apoiados numa cerca de mormaço,
Observam ao longe a fadiga e o cansaço

Odacir, Olavo e o bom Ronaldo.
Irmãos vagantes, sempre em três,
Eram filhos de Teresa, a mulher que assim os fez.
Finda a troca do belo e vivo lábaro,
Caminham juntos ao bosque vazio.
Lamentando o seco e inexistente veio,
Rendendo inúteis os aprumos em rio.

Anoitece, em longa jornada pela tarde,
Em que na alma a companhia irradiante
Faz crescer vigor na venusta vontade.

Fazem fogueira.

Crepitando a chama contra o firmamento, Vem Affonso.

Teotônio e Mário se achegam.

Em círculo, sentados sob o telhado marinho,
Deliberam, em vestes brancas, de linho,
Já em fresca noite, súbita e atraente,
Pois constituíam todos eles esfrias.
Rostos dourados, soprados pelo fogo,
Enunciam as palavras do dia seguinte,
Em doce súplica a Têmis, Suada e Minerva,
Que a vastidão do horizonte inspira
E a versos de cântico solene abriga.
Tragadas pelo vento noturno,
Reinadas pela conjunção futura,
Reveladas na memória de um desejo
Ainda feitas de dúvidas sem chão,

Entoam em canto louvor benfazejo,
As notáveis frases que constituirão.

Affonso. Pois que é de uma coroa tonsurada,
Que me vem essa vontade, em um tonítruo,
Contra a qual lutar não posso - e não quero
Pois permanece em certa parte desconhecida
Da minha visão, um sopro que me é superior,
Traçado em tempos imemoriais partilhados,
Que assim engendra e ergue a minha própria alma...

Messias. (*desanimado*).
Affonso, que te pareces um louco,
Falando assim ao fogo,
Quando nada há de novo neste solo.
Posto que caminhos inexistem,
E a chama dos outros é fraca.
Dirigem seus ânímos ofícios convencionais,
Respaldam-se em bases e genes,
Gerenciam interesses, nada mais.
Que de superior e inexplicável
Há somente teu espírito,
Inventado há pouco,
Por uma musa qualquer,
Que nos imaginaste.

Odacir, Olavo e Ronaldo. Messias, calado já dizes mais
Que a pura voz do infante,
Em reconhecer invisíveis
As roupas inexistentes.
Mas as palavras de Affonso
Nos fazem menos dormentes.

Desperta em nós o seio de Teresa,
Que, como a Batista, cansada de guerra,
Resignada em sofrer o martírio diário
Da derrota do espírito,
Diante de tantos malefícios tramados
Pela infame perspectiva oculta da morte,
Que em receio tolhe a si mesma,
E esquecendo-se de seu gênio,
Bastando-se a si, depois de
Desgastada por três almas
Que amamentou, e que dela usam,
Para avivar-se.
Para que, unicamente assim,
Se satisfaça em se apascentar de nós.
Messias! Que se Teresa nossa mãe,
Viva ainda estivesse, e viva ainda está,
Posto que seu olhar no nada nos chama,
Como se tivesse mirado hoje,
Neste mesmo presente,
Queria ouvir e delicadamente
Deleitar-se nas palavras de Affonso.
Que no brilho que há nesse sopro,
Nesse luminoso disparo que vimos,
Estava também na ternura da mão dela.

Affonso. (feliz).

E, no entanto, Teresa viva, ainda morre.
Morre todo dia na mulher que não se cura,
Nos homens que a si não apuram,
Vivendo de resquícios, de restos de fomalha,
Na qual se assou um leitão qualquer,

Do qual se distribuem as partes aos famintos;
É como vivem hoje, estes homens inquietos,
A cujos lamúrios corresponde a existência,
Por não ter criado nada; de não ter visto,
Com olho próprio, a vida renovada
Num momento que, de tão relevante,
Frente ao feito homem impotente,
Seja na alma já adentro vívido,
Embora vivido ainda não seja.
Instante que sozinho se alinhava a si mesmo,
Como se a si pertencesse,
Como se a si mesmo coubesse guardar,
Como tesouro ímpar,
De fazer herdar aos filhos,
Pelo qual se daria a vida,
A fim de que prosseguisse neles,
E deles dependesse,
O intuito de si próprio.
Assim que, hoje, o encanto da Pátria cai
Dentro da alma como parvoíce,
Posto que nela ainda não nasceu vontade.
Posto que ainda não viram os homens este momento
Que nos revelou, na memória do porvir,
Num estalo luminoso,
O marco digno da República!
Marco que em poucas palavras se construiria,
Cujos sentidos ainda precisam erguer-se...

Mário. ...Em um veio que será cavado na terra,
Mas não com goiva, escopro ou cinzel,
E, sim, no leito em que se afigura a palavra.

Em que, despertando no sentido a necessidade,
Possam fluir, límpidos, os intuitos que inutilmente
Debatem-se, insaciados e insaciáveis, nos festins
Dos cadáveres providenciados pelo Governo.
Palavra a qual não me cabe conceber, nem originar,
Mas que me banha como lume tépido,
Dita ela pelo anseio sincero de Affonso.

Teotônio. Fosse a lenha mais seca, mais fina,
Tão maior arderia o fogo!
Mas só de aconchego na noite,
Não se produz no homem permanência.
Que dirá de palavras gravadas
Em tábuas de pouca espessura.
Falas bem, Mário.
Não se pode traçar rumos com rijo móvel
Que apenas adorna uma sala.

(Voltando-se para Affonso).

Mas, para viver na alma o sopro magnífico
Da vontade política que se alcança,
Há que se saber, Affonso.
Há que se saber melhor que é que te arde.

Affonso. É algo que não sei, Teotônio.
É vontade de dizer sem medo.
Sem receio da fina lâmina,
Do cadafalso aterrorizante.
É vontade de sair pela rua.
De falar meus dizeres tênues

Com palavras mais assertivas
Que pudessem ressoar nos cadáveres,
E caminhando em um discurso, reavivá-los!
É vontade de dizer livremente.
É vontade não minha; é voz sua,
Ressoando no meu imo peito.
Vontade de expressar o que vejo,
Nos espaços amplos de traços poéticos,
Entre um verso e outro, a sensação...
De segurança que enseja a palavra
Democracia.

*Um longo silêncio entre todos, nos olhos brilhando a faísca do
fogo erguido.*

Messias. Affonso, que estás muito sensível,
Tal qual mulher, te digo.
Senão tal qual mulher,
Sei que estás sensível e arrebatado,
Como que por mulher generosa.

Affonso. (*sorrindo enigmaticamente*).
Assim não era Juscelino,
Que estas terras trabalhou
Para que o ligeiro juízo se pasme?
E nem por isso estava empedernido.

Messias. Affonso, que não me enganas.
Há mulher nessa doidera que descreves,
Nessa liberdade que clamas em segredo.
Sinto as curvas subindo nos teus olhos,

Como renasce a bossa nas ondas do mar.
Assim que confessa-te.

Teotônio, Odacir, Olavo e Ronaldo sorriem em expectativa. Mário, bruto e coerente, come uma marmita sem nenhuma curiosidade.

Affonso. Talvez se chame Callista.

Mário. (sorrindo-se)

Callista. Callista, é?

Odacir, Olavo e Ronaldo. E quantos seios tem Callista, Affonso.

Affonso. Dois!

Odacir, Olavo e Ronaldo. Fartos, como de americana?

Affonso. São seios, não úberes.

Odacir, Olavo e Ronaldo. E quantas pernas.

Affonso. Duas.

Caminham em compasso alternado.

Odacir, Olavo e Ronaldo. Latas?

Affonso. Generosas, úmidas.

Odacir, Olavo e Ronaldo. E dois olhos?

Affonso. Certamente. E um terceiro, divino, invisível ao duo.

Odacir, Olavo e Ronaldo. E as sandálias. De zero a cem.

Affonso. Noventa e oito.

Odacir, Olavo e Ronaldo. E que tal os cabelos.

Affonso. Longos. Muito longos.

Assim que se podem arrumar por emendas.

Mas não os olhos, nem os seios, nem as pernas.

Porque sobressaem bem à vista.

Mário. E quando a viste?

Affonso. A todo momento.

Vejo-a o tempo todo.

Messias. Concretamente...?

Affonso. Certa feita, no corredor, outrora no cafezinho.

Assim, como se veem todas as mulheres,

E irremediavelmente se perde o homem,

Com um olhar que não pode ser remendado,

Porque, tarde demais, já se contemplou o corpo.

(Affonso gesticula sobre a silhueta feminina. O fogo crepita).

Odacir, Olavo e Ronaldo. E sonhaste com ela?

Affonso. Entre o despertar e o adormecer,

E, particularmente, quando se sente

Em torpor de sono, e já não se sabe

Discernir da realidade o sonho,

Quando as palavras entoam em verso,
No cântico profundo e inconsciente.
Vivo em profundo litígio com o pecado,
Quando rezo para preservar na memória
O meu doce descabimento.

Messias. Por que não amo assim, Mário?

Mário. És um cético, oras.

Messias. E te crês correspondido?

Affonso. Muito.

Odacir, Olavo e Ronaldo. E em que te fias, maroto sorriso?

Affonso. Na palavra, ó, obviedades.

Mário. Amanhã então veremos Callista.
Para conferir se veras as prendas.

Despedem-se, com um brinde ao breu que acalma.

Voam Odacir, Olavo e Ronaldo. Cada qual sentado em local distinto na aeronave. Odacir, calado, observa fora da janela o seu íntimo.

Odacir. Esquecido estou,
Das palavras de Affonso
E do intuito que me detiveram.
Relembro somente a salva de palmas
Que os anjos em nós celebram.

Tão vasto mundo, e linda floresta!
Contínua e densa, vista do céu.
Um mar primavera, co'alguns amarelos
Brasões que despontam em véu.
Que ipês fabulosos, alternando-se raros
Na selva manhosa em que sonhos preparo
A Olavo e a Ronaldo em cochilos de escabro,
Pois assim lhes encanta enfrentar as malícias.
Tão diferente, a fragrância destes ares
Em que se anunciam do lar as delícias!
Não me canso jamais de recordá-los,
A cor do retorno à terra patrícia.
São meus amos que chamam
E provendo em mim a memória de seus rostos,
De seus gestos, iluminam meus caminhos,
Meu suave regresso, para em seguida,
Por instrução, expulsar-me.
Pois que não há volta, sem ida;
E sem torno à terra, não há saída.
Quantos medos em mim dissipados,
Com este ar rarefeito, com este gesto raro
Das almas políticas que me absorvem
E divinamente me sopram,
Aconchegados à noite,
"não tendes medo".
Sinto-me em todas elas
Representado.

Olavo e Ronaldo despertam. Aproximam-se e confraternizam de pé, apoiando-se nas poltronas vizinhas parar rir-se com Odacir.

Olavo e Ronaldo. Tão efusivos estamos,
Nestes ares que de repente celebram
Nossa presença insignificante!
Que de fato somos dos poucos
A assim reconhecer-nos
E a crescer em nossa identidade!
Vejo nossa escada, Odacir,
Tão firmemente construída
Em caminho sinuoso,
Entre relva colorida e musgo fofo,
Como se estivéssemos descendo
Do nobre planalto a pé, num ímpeto.

Odacir. É a pressa.

Olavo e Ronaldo. Que, de alto, Brasília não tem nada,
E somos nós é que subimos.

Odacir. De fato é esta ponte sublime
Que me encanta e mantém.
Que, quando chego, ainda estou nela.
Assim que não me negam,
Muito menos me incomodam.

Olavo e Ronaldo. Sábio.
Estás eremita.

Odacir. É a arte de escrever cartas.

Achegam-se na casa de Odacir. Palácio romano. Entram e saem musas. Eleitores assinam livro, assistentes juntam panfletos. Um pequeno prédio cheio de gente. Um grupo de ativistas se reúne ao

redor de uma fonte, outro ao redor de uma mesa de apoio, manuseiam papéis. Circulam, usando um elevador. Odacir chega com uma malinha tentando encontrar espaço na própria casa. Olavo e Ronaldo aconchegam-se em poltronas e tomam um lanche na casa alheia, como hóspedes que por doce amizade não podem ser expulsos. Odacir procura a própria escrivaninha, meio ao movimento. Fecha a porta de vidro, para que ninguém lhe incomode. Na verdade, ninguém parece aperceber-se que chegou, e seguem como se por ele não quisessem ser importunados tampouco. Odacir, decepcionado com a sua aparente impopularidade, que julga ser a razão pela ausência de recepção efusiva, fica de pé tentando reconhecer quem por ali passa e lhe acena. Conformado, senta-se. Começa a separar a correspondência e a anotar respostas e providências. Uma menina loirinha e curiosa sorri e lhe acena. Odacir retribui o aceno. Olavo e Ronaldo se despedem, vão para comícios.

Olavo toma um ônibus, achega-se, no interior, em bairro construído ao redor de madeiras. Ao adentrar, uma densa fumaça recobre a cidade. Na rodoviária, espera Amir. Dão-se um abraço saudoso. Olavo, todo suado. Amir, observando a própria camisa, esfrega nela um lenço. Uma multidão de agricultores cercada também por madeiros fazem uma movimentação na rodoviária, alternando-se diversas vozes, ora reclamando, ora pleiteando. Amir segue-o enquanto caminham de terno em plena estrada de cascalho, e a terra levantando poeira, com uma pasta.

Olavo. (tentando encontrar um caminho, no meio da multidão, desvencilhando-se)
És melhor que eu, Dr. Amir!

Em outro bairro da capital, Ronaldo é recebido pela esposa em uma chácara. É abraçado pela família, e celebra ao ver o jantar, adentrando pela porta.

Em Sergipe. Sopra a brisa do mar nos coqueiros perfilados na praia. Uma leve neblina branca, salgada recobre a orla do mar bravio. É domingo calmo e vazio na cidade. Messias encontra os familiares em uma paróquia e chega bem a tempo da missa, cumprimentando os presentes pelo caminho.

Em São Paulo, Mario cumprimenta a multidão de eleitores que lhe recebe costumeiramente no aeroporto e segue em direção a sua casa. No carro, encontra-o seu suplente, onde fazem uma reunião.

Assessor. Vão fazer telefones portáteis, sem fio, Senador!

Mário. Impossível! Funcionar sem fio?!

Que disparete!

No voo para o Rio de Janeiro. Trilha de Tom Jobim, Galeão. Affonso lê, no avião, enrubescido e de coração disparado, uma carta caligrafada de Callista.

"Affonso,

Não me escrevas. Por favor, pare".

Affonso dobra a carta, cheira-a, coloca-a no bolso, como se para aproximar mais de Callista. Fecha os olhos, como em um delírio. Retira um papel timbrado do Senado e começa a escrever-lhe ali mesmo, no avião, tomado de prazer indizível.

Affonso. Há de ser ligeiramente mouco para amar...

"Callista,

Que despreparado sinto-me

Para amar-te às pressas.

Indigente, sem promessas,

Posto que tudo em mim é falho

Neste mundo de asco e fúria.

Posto que nada valho,

E é a sede, a lamúria

Que me levaram até o

Sagrado perfume de teus cabelos.

Não foi segredo revelar-te

Minha desgraçada lástima

De ver-te caminhando,

Linda e nua, em tão vazios

Espaços revestidos de suavidade.

Callista!

Que a força que teu nome invoca,

É-me suficiente para refazer-me

De minha moribunda reputação,

De inútil retórico, perdido

Em fúteis adivinhações.

Callista!

Que me entrego inteiramente,

Para que possas restituir-me de mim,

Porque assim, preenchendo-me de volta,

Sou mais puro e renovado.

Callista!

Sabes que vivo não por nobres feitos

No futuro alcançáveis,

Nem projeto meus medos

Em função disto.
Não projeto em segredo
Uma medida bem traçada,
Conforme o que antes me havia
Suscitado o interesse próprio.
Callista,
Não. Vivo de puro amor.
Vivo de puro desejo de ver-te,
Como se ver-te fosse um direito.
Como se louvar tua virtude
Fosse a mim um direito,
Que me confere ser humano,
Que me confere a faculdade de amar-te.
E preciso registrar em palavras,
Porque o amor me compele
A amar-te ainda mais,
Pois do contrário não sente.
Já que no sentimento apenas
Não posso amar-te o suficiente,
E suficiente apenas me vem
Quando me sabes.
Não é de desejo profundo,
Nem de luxúria, a minha necessidade;
Callista, é de canto noturno,
Esse amor diuturno,
É divina vontade".

Sela o envelope. Desembarcando, vê que ninguém o aguarda no aeroporto. Espera alguns segundos, como se não soubesse o que fazer. Um motorista lhe aparece, com um assistente, indicando que a pista foi temporariamente impedida. Voz da moça do

aeroporto, confirmando a informação. Affonso aguarda que o motorista e o assistente o levem até o veículo, sem entender por que não o fazem. Eles repetem novamente a informação, enquanto ele se dirige caminhando lentamente até o veículo, no trajeto de costume, dizendo que ele deverá tomar um voo para o Santos Dumont. Para, ainda sem entender o que lhe dizem o assistente e o motorista, que tentam conduzi-lo para o próximo voo.

Affonso. *Daqui eu não me movo.*

O assistente, esbaforido, consegue autorização para passar pelo bloqueio, e seguem o percurso usual.

Na capela do Santíssimo, rezando.

Messias. Ó, vestes empoeiradas, rosto enegrecido,
Com que cubro este corpo combalido e alquebrado.
Sem fôlego para otimismo, sem ver fulgor nascido
De cálices a mim preparados.
Bebo todos, não os afasto.
Pois é sina daqueles cujo rastro
Perdura no anônimo desenlace da história.
Não deixam nem um pouco traço,
Sequer alimentam a própria memória.
Até que um dia, num olhar vazio,
Em direção a não sei quê,
Recordamos no peito qualquer vestígio
De um ditoso prestígio em não saber.
Velhos tempos de Seminário,
Cujo desfecho, em passado distante, eu evitei.
Encontro agora o mesmo destino

Que persegue-me a vida, como um mestre-rei.
É a sina dos que combatem nas fileiras lotadas,
Nas fileiras tumultuosas, na Câmara rebotadas.

*Caminha até o Plenário, com o espírito mais tranquilo, recor-
dando dos planos de Affonso, as imagens dos rostos afagados por
luz de fogo, e sinfonia do Planalto.*

Encontra Mário no cafezinho.

Mário. Messias!

Messias. Almirante.

Mário. Por onde andaré nossa Callista.

Messias. Pouco me importa, Mário,
Que de mulher entender, já renunciei.
São como os textos constitutivos,
Que se enunciam irresistíveis,
Mas cujo significado delegam aos outros.

Mário. *(ignora a autoconstipação e cumprimenta os demais cole-
gas, contando sobre os telefones portáteis).*

Messias. *(sentindo-se ignorado)*
Sou do homem a lástima.

*Affonso se arrasta pelo Plenário, ao que julga ser seu cadafalso.
Todos observam e aguardam respeitosamente a entrega de um
usual notório discurso, como de praxe. Odacir, Olavo e Ronaldo
achegam-se cada qual em seu assento prestes a incluir-se na de-
clamação de Affonso.*

Affonso. Callista!
(todos silenciam, surpresos).

Affonso. Callista...

Affonso retira-se do púlpito, envergonhado, já sem coragem de prosseguir.

Todos os demais colegas, pasmos.

Ao fundo do Plenário, observa igualmente enrubescida, Callista, que deixa cair seus papéis, com o susto.

Todos viram-se para vê-la.

Odacir ajeita os óculos na ponta do nariz.

Odacir, Olavo e Ronaldo pedem a palavra ao Presidente da Mesa.

Odacir. (satisfeito).

Mas nobres colegas,
Que vergonha temos de falar
Abertamente sobre o inevitável
Desfecho de um notório encontro
Que fazemos nesta Casa do Povo.

(salva de palmas e sorrisos).
(prossegue).

Encontro de Affonso,
O discurso presente,

Com Callista, a quem servimos
Na virtude da vontade.
Nós, os representantes aqui elevados,
E a memória distante do fundamento
Em que se ergueram estes monumentos,
A liberdade de dizer o que nos é premente
E conjuntamente ceifarmos
Os nobres frutos da deliberação.
Eis que Affonso nos recorda,
Muito diretamente,
Da necessidade de não postergarmos
O que nos é premente e caro
À preservação do Parlamento.

(Callista foge).

(Os parlamentares passam a debater, num burburinho presente e desconexo, outros tópicos, já desatentos ao romance, enquanto a cena e as palavras de Odacir ressonam; outro parlamentar toma a palavra, como se nada tivesse transcorrido; o famoso manejador da palavra, um orador, se segue).

Parlamentar 1. Demeritórios laços, eivados de fé pública,
Em que se desdobram os títulos da dívida pública!
Que nosso País, já não mais instigante,
Nem digno de próceres,
Retumba nada mais que a falência
Chancelada pela censura!

Parlamentar 2. *(Numa pantomima inimitável de desgosto reflexivo, típica de Paulo Brossard)*

Mas é assim? É assim, então?

(Salva de palmas em uníssono)

(Enquanto o discurso tradicional prossegue, os amigos de Affonso já não entendem mais nada. Enfastiados com a oratória tradicional desde o golpe, autista à paixão incinerante de Affonso ali extravasada, tentam localizar o amigo, que segue Callista, o qual tenta impedir a fuga da moça. Odacir, Olavo e Ronaldo seguram-no pelo braço, implorando-lhe prudência).

Messias. Nobre Affonso,

Meu caríssimo e dileto colega,
Parece que não é musa, mas
Mulher concreta,
Que te teceu esses laços.
Affonso, escuta-me,
Que meu coração palpita
Desesperado,
Que não se repita
Tamanho despropério
Em pleno Plenário!
Como que fazes assim,
Uma moça constranger-se,
Tomando a palavra!
Que graças aos divinos céus,
Não te animaste em progredir
Em tamanha iniciativa,
Que não cabe a homem,
Mas, sim, a herói grego,
De que os tempos estão fartos!

Affonso. *(em silêncio, sem saber que dizer).*

Mário. *(arrojado)*

Pois deixe que Affonso fale,
Que já me farto dessa oratória indigente
Que se alimenta da própria censura,
E que não mais encontra finalidade outra
Fora do regime que supostamente combate.
Que necessitamos de novos embates, Messias,
E qual o problema que seja Callista?
Mui digna, a moça, por sinal.
Que tem fita na testa, como esportista grega...

(Sorri).

Affonso. *(Furioso. Enlouquecido de amor).*

Que me deixem ir atrás de Callista!
Que sem ela não vivo!

(Recebe uma carta. Abre-a)

Affonso. É de Callista.

Odacir, Olavo e Ronaldo. *(debruçando-se sobre a bancada).*

E que diz?!

Affonso. "MAIS UMA VEZ E PELA ÚLTIMA VEZ, REITERO O PEDIDO DE QUE NÃO ME MANDE MAIS MENSAGENS DE QUALQUER ESPÉCIE E NÃO CITE MEU NOME A QUEM QUER QUE SEJA. ESPERO QUE TENHA SIDO CLARA".

Mário. Desistirás?

Affonso. Por suposto.

Não quero incomodá-la.

Odacir, Olavo e Ronaldo. Então é isto?!

E todo seu amor por Callista?

E todo seu sofrimento?

Affonso. (*Dá de ombros e olha no vazio*).

Em vão sofri.

Sinto-me patético.

Afinal, que moça jovial

Poderia interessar-se por

Este parlamentar decrépito,

Apaixonado, aos velhos modos.

Sinto entristecer o profundo de minha alma,

Enfadada nos delírios insensatos

Desses verdadeiros desperdícios discursivos

De embates falsos, insigníficos,

Que só alimentam teatros supérfluos!

Pois basta avançar qualquer discurso,

Que se admoesta a plateia!

E que se produz disso,

Além dos coros uníssonos,

Adiante interrompidos,

Por qualquer menor ameaça?

Bastam-lhes açodar isto e aquilo,

Para na frente verem-se recuados,

Basta ameaçarem-lhes indiretas,

E assim sustentarem

Nessa dieta
De vitimados!
E assim segue nosso país,
Nessa lógica dialógica
De censura e perseguidos,
Sem amor, sem ter amigos,
A nossa Pátria pouco amada.
E sou vítima! Não de censura!
Mas desses discursos que,
De tão previsíveis,
Batem-se palmas antes!
Que estou farto!
Que estou farto de viver sem amor!
Que estou farto de ver papéis sem valor!
E que importa, ao Judiciário, se são constitucionais?!
Se é o próprio governo que os judicializa?
Que estou farto!
Farto de viver nesse penhor,
De fazer discursos de ardor previsto,
De viver sem nenhum verdadeiro ofício,
Sem fato vívido para pronunciar-se!
Farto de que fui até Callista
E lhe preparei tudo que em mim coubesse,
Para dela receber nada, receber nem messe,
Apenas isto, este rechaço!
Que de fato, Mário,
Olhe pra mim!
Não sou mais que um velho!
Um velho gasto, desgraçado velho!

Mário. Mas seu coração pula como de uma gazela, Affonso.

Por esse lado, assume-te.

Affonso. E de que me serve?

Um gesto a mais para nutrir-se Callista,
E absorvê-lo como um buraco negro,
Para onde dentro me suga a força!
Que estou enlouquecido por essa mulher,
Que não posso mais aguentar-me!

(Descabela-se).

Teotônio. (Achegando-se, risonho).

Isso porque te disseste correspondido.

Affonso. E o era!

Porque, de meus presentes,
Retornou nenhum!

Teotônio. Ah. Destes presentes à bendita?

Affonso. Por certo!

Que lhe dei além do que toda mulher sonha!

Teotônio. Devem ser as novas gerações, Affonso.

Encaram a toda benesse que recebem
Como favor devido do universo,
E desconhecem a gratidão.
Encontra-te com mulher direita, Affonso.
Assim que não te fias em decepções.

Affonso. E por acaso encontram-se assim, aos montes?

Para ser colhidas nos vales, nos canteiros das praças?!

Teotônio. Certamente que sim,
e ainda com lágrimas nos olhos,
como diz o poetinha!

Odacir, Olavo e Ronaldo. Então que vamos levá-lo
A local em que musas não faltam,
Para que te recuperes dessa
Incomensurável dor-de-cotovelo, Affonso!

Affonso. Apenas vou-me, retorno a meu hotel,
Onde me auto-constiparei por horas a fio,
Nobres colegas,
Pois para amor de homem que sofre
Não há remédio que baste.
Enquanto Callista se joga aos braços de
Seu infame e perfeito namorado.

Mário. Affonso!
Tem namorado, a moça?

Affonso. Decerto que moça bonita assim
Não andarás sozinha, Mário,
Perturbas-me com desatenção a tamanha obviedade!
Vou-me que, por hoje, de naufrágio
Estou de água até o pescoço.

Mário. E de fato o dilúvio corre fora deste aprisco
De vero amor ao ofício, colegas,
Pois vejo pela enésima vez os líderes
Confundirem-no com valhacouto.
Basta uma alvíssara coletiva e se têm por tumulto
Os meros elogios da casa a si própria.

Eis que chega a polícia do pensamento,
Dispersando qualquer ceifa de comemoração,
E é hora de ir-nos.

(mostra o espia do Governo, Jacinto, um assessor da Mesa, de olheiras arroxeadas e fundas, que se comporta com autoridade acima do cargo do próprio Presidente).

Despedem-se. Affonso veste seu chapéu de feltro bem delineado. Chove pesado. Em frente à Chapelaria, dispensa o carro, segue a pé, debaixo do braço uma capa de chuva. Segue pelo túnel rumo ao Anexo IV, inerte, na esteira rolante, mãos no bolso, olhando cabisbaixo. Ocasionalmente alguém lhe trisca ao ultrapassá-lo, pressuroso, na esteira. Sobe o elevador, e caminha a pé pela S2, até o Hotel Nacional, debaixo do temporal.

Affonso. *(Tateia delicadamente a folha úmida de uma primavera. Detém-se em silêncio. Olha as próprias mãos, cheias d'água. Som de chuva. Caminha lentamente, molhado).*

É conveniente que chova.

Assim derramam os céus

O que o homem não chora.

Eu mesmo não me permito:

Pois não consigo me fazer afetado.

Que poderia eu fazer, Callista.

Que fosse do seu agrado.

Insignificante e ínfimo,

Transito. Pela rua.

Sem nada no peito,

Diminuto.

Nada mais penso a respeito,

Desde o derradeiro minuto.
De falar não necessito,
Tudo foi dito,
Nada em reparo.
Espocam as gotas na rua,
E cada uma me é um disparo.
Minha dona me acalenta,
No lábio, nos olhos, no faro.
Ando em silêncio, dela sou fâmulos
Na luz das colunas, refletida, calada.
Só compreende quem anda na chuva
E só cai a chuva em quem não tem nada.
Em lar vazio, ninguém me espera.
Nada oculto, triste não me sinto.
Como dever de quem coopera
Em seguir mais um pouco, sem ser distinto:
Não há teatro a quem soube
Fazer-se invisível e adequado.
Só compreende quem anda na chuva;
Quem anda na chuva, calado.
Brilham na folha a brisa e o vento,
E nesse momento,
É em que me calo.
Em quem não tem nada,
Cai a chuva.
E por isso é que ando calado.

*Gotas explodem no pavimento,
Erguendo notável tapete de respingos
Por onde Affonso caminha.
Em veios escorrem torrentes,*

*Seus passos largos e lentos,
Desviam de qualquer poça d'água.
Detém-se um pouco,
Remói-se, e mouco,
Escuta a chuva, cair sobre nada.
Em roupa molhada, repõe seu sustento,
Olhando o momento, a alma calada.
Empurra-lhe o vento, Affonso sereno,
Caminha em tormenta, na escada.*

Affonso. Notável unguento,
Melhor que o mar.
Mais pura que a chuva,
Memória não há.

Valete do hotel. Dr. Affonso.

Affonso. Oh, Eduardo,
Vejo que estás feliz hoje.

Valete. Sim, pois já chegou aqui
O recado de que Vossa Excelência
Está noivo de uma donzela.

Affonso. Desgraçado sou, Eduardo!
Que nada. Ela de mim foge.
Sigo solitário, aguardando a morte.
Ela de mim foge!

Valete. Tal como o diabo foge da cruz?

Affonso. (Irritado).
Não te refiras assim a Callista.

Ela, ingênua e doce, moça reta,
É mais essencial ao homem
Que os desmandos irracionais
Em que se debate a burocracia
Neste Planalto imprecativo
Que, de medo da própria maledicência,
Submete-se a qualquer disparate
Revestido da palavra ordem,
Tal como se ordem fosse encanto,
Ou como se para obedecer
Fosse necessário qualquer rito.
Eduardo, sabes, porque bem me conheces.
Que ao porteiro não se ordena abrir a porta
Num prédio que funciona bem.
Sabes, Eduardo – e com isto lhe deixo,
Porque sábio és tu, o eleitor, o porteiro,
A cozinheira e a astúcia da estagiária,
Que enrubescida, me fez apaixonado –
Sabes que desde que a República,
Devidamente declarada,
Tornou indócil a vida de todo camarada que,
Desamparado no costume, ou no sagrado texto
De uma carta de direitos, ousasse impor-se
Por meio da força ou imprecação,
Haverá homens como eu,
Desacostumados a obedecer
Quem não esteja constituído.
Meu lamento, Eduardo, é de que,
Sendo tão árduo e vetusto defensor,
Pouco me sobra por fazer.
Quando aos demais se sobrepõe minha contundência,

Como se irrelevante fosse, ou *démodé*,
Recordo-me dos tempos em que até um monarca
Submetia-se ao jugo do ofício de governar.
Assim que sigo, com a graça divina, sem adversários,
Pois todo incômodo prontamente assimilado,
Por opositores que não me enxergam inimigo,
Como tudo na vida, passa.
Apenas Callista, essa moça de rosto inefável,
A quem vi duas vezes, hoje a terceira,
É que poderia fazer-me sangrar,
Pois esse é meu mais íntimo desejo.
Sangrar no peito e morrer de amor.

Valete. (*Pensativo*).

E não lhe serve outra?

Affonso. Como poderá servir outra,
Eduardo, se concedi a ela o gesto
Humilde e ingênuo de uma aliança?!

Valete. Senador, pediste a moça em casamento,
Tendo-a visto apenas duas vezes?
Sem sequer ter lhe ocorrido falar-lhe?

Affonso. Jamais teria semelhante audácia.
Pois sua beleza me alucina.
Não saberia jamais abordá-la,
Sem dizer então se real seria.

(*Outros moradores do hotel vão entrando e saindo, enquanto ambos papeiam*).

Valete. E ela devolveu?

Affonso. Não. Se é por essa razão que me alimento, oras!

Valete. E enviaste cartas? Cartas de amor, ao menos?

Affonso. Por suposto que sim. Cartas, poemas.

Tudo que minha alma poderia de mais caro produzir.

Valete. Senador, a Vossa Excelência

Reservo um segredo de valor incalculável.

Affonso. (*ansioso, entrelaçando os dedos inquietos*).

Valete. Encontre musa mais bonita,

à qual louvar possa,

que de seus caprichos não reclame.

Affonso. (*chocado*).

De memória o estratagema não me falha,

Eduardo.

Mas sabes que a um peito apaixonado

Soa como impertinência.

Valete. Sem dúvida que necessário é que não te apoquentes,

Senador, e que te encomendes a um bom amigo.

Affonso. É biliosa. Dir-se-á: está findo o que sequer começou.

Valete. Então terás outra musa e nada se perde.

Affonso. Tudo se transforma.

Valete. Lavoisier, Senador. Grato,
Que estudo para o vestibular.

Affonso. Mas és um gênio de vestibulos celestiais.

Despedem-se.



CENA I



(No quarto de Callista, leito de amor findo, entre ela e Porfírio)

Bruma espessa sob as bóvedas recurvadas,
Entram mulheres entusiasmadas,
Pós o debate pouco amoroso, resta mais nada
Saem mudas. Caladas.

Já sem colunas, as curvas sustentam
Um árido urdido, crebro pensamento
De gozo incumprido e fel encarnado,
De olhar triste, abandonado
De que se nutre a infelicidade.

Em que pórfiros desejos refletem
Contra a escuridão vassala.

Rebela-se Callista
Em seu olhar reto,
Sua pálpebra pisca
Sobre o teto.

Serena e distante,
Não se despede.
Murmura o instante.
Procede.

Levanta o corpo, como o próprio martírio,
Em que se julga cativa
De Porfírio.

Que rápido, se livra, como se obrigação
O fizesse partir coração em mil pedaços,
Não por falta de atenção; por cansaço.
De ouvir brutalidades, quando o dia amanhece...
...Mas Callista ouve suave
Uma prece.

Vê semblante redimido
Do homem reduzido
A quase nada
Diante dos momentos idos
E no horizonte perdido
Subindo uma escada.

Callista. (*sussurra*).
(*Affonso?*)

Respira afago profundo,
Callista, afrouxada.
Olha pra dentro do seu mundo
E busca a vista desmesurada.
Tensura as cicatrizes no espírito,
Move músculos dilacerados.

Estende os braços para cima,
Meneia a cabeça de lado.
Graça pura, Callista,
Toda ferida de tormentos indizíveis.
Soluça um choro contido,
De lamentos invisíveis.

*Na calçada, subindo dois degraus,
contempla Affonso a janela de Callista.
Ela, assustada, debruça-se sobre o batente.
Em silêncio, miram-se.
Callista aprecia.*

Affonso. *(Para si).*

Tão displicente estou,
Que de planos de valete já desisti.
Afinal, que quer o apaixonado
Senão viver provocando a sorrir.
Sorriso inefável!
Callista, por certo.
Que te despertas agora
Quando quero.
Não porque te domines,
Pois te desconheço.
Mas porque, após sua fúria,
Ouso desobedecer-te.

Callista. *(abrindo o sorriso).*

Affonso. Há algo de estranho em ti,
Callista, posto que

As moças é que me procuram.
Sendo eu homem tradicionalíssimo.
Não venho sob procuração tua.
Há algo de estranho nisso,
Callista, que te veja nua.
Que num monólogo
Tenha eu que dizer por mim
E também por ti,
Como se servo teu fosse.
E nem por isso me importasse.
Tamanha é a minha história
De a si próprio suportar-se.
Pois que falo demais, Callista.
Para quem busca sua memória.
E te vejo robusta.
Vejo cada artigo teu,
Vejo cada astúcia tua
Em não me deixar proclamar-me.
Por que não te anuncias,
Para que assim me desarme?
Por que não te lutas, não te embates
Por que me olha assim
Como sempre em empate?
Cansada estás, Callista,
Que vejo no teu lindo rosto,
Um brilho juvenil,
Escapado de um desgosto
Que se desvai comigo.
Como é que te agrado,
Como é que consigo?
Ainda que a mim me pareça

Todo esforço verdadeiramente inútil.
Ainda que em ti eu veja
Ouvir palavras de um velho fútil.
Por que me separaste dos demais,
Dos meus queridos pares?
Por que me isolaste em consciência,
Para que em meu coração dispares
Os mais nítidos desejos de nexos?
Um nexos que justificasse,
Nesta vida esquelética,
No esmorecimento diário,
Qualquer coisa justa,
E ressonasse nos ouvidos:
Sim, a vida é justa!

Porfírio. *Dando-se com a cena*
De amor sublime.
Silencia.
Ignora-a.
Rindo-se:
Paspalho!

E desde então, Porfírio cessa seus monólogos com Callista.

Mil demônios aproximam-se de sua alma,
Anunciando a Porfírio:

Mil Demônios. Perdeste!
Que a vida é um jogo,
E enalteceste demais tua alma,
E a de Callista, adúltera,

Não ceifarás mais!
Servirá apenas de propósito
Para justificar-te,
E com isso seguir vivendo!
Deleitando-se em violentá-la
Com pensamentos e palavras
Para curar tua ferida de rejeição,
Que até agora ignoraste
Com a desculpa de inferioridade!
Pois Callista fez-se mais inferior ainda,
E se lhe escapou das mãos
Como vento estúpido!
Agarra-te em teus dogmas, rápido!
Justifica e aumenta a violência, rápido!
Para que não percas os amigos,
Nem te esfacele a vida em um suicídio!
Que os erros dos demônios alimentam
A constipação dos próximos!

Affonso. Que cabocão,
Um ignorante
Sobre o qual te cearei, Callista!
Callista. És meu alimento.
Meu sustento diário.
Meu ganha-pão,
Sou bem salafrário,
E, admitindo-me,
Faço-me digno de ti.

Callista. Te fazes ainda mais bonito,
Affonso, tornando-me útil e viva.
Se enaltecer posso, sua iniciativa

De vir olhar-me.
De dia, de noite, meu gendarme.
Homem é assim, e quanto mais assim,
Mais tanto charme!
Inútil exigir tanto, nós, mulheres,
Que o homem seja tanto quanto quisermos.
Quero-o assim, Affonso,
Sincero e vencido, vendido pelos tempos,
Pois de homem contido
E caboco convencido,
Fartei-me ao tormento.

Porfírio passa a caminhar com Mil Demônios, por toda parte.

Mil Demônios. Ah! Que te somos essenciais!

E dizemos o que tu gosta!
Irás morrer, Porfírio, se nos solta!
Que tua bela não mais te segura,
Mas deseja que te soltes
Do mais alto arranha-céu,
Desafiando a Deus segurar-te,
Como até aqui fizeste,
Arguindo teus sacrifícios,
Teus sofrimentos,
Indenomináveis,
Com o qual agora diverte-se!

*Nutrem Porfírio com gordas carnes de Callista e de crianças,
em uma bandeja. Em um delírio, ele não se farta do privilégio.
Escravo insaciável de alimentar-se e inebriar-se em autoelogios e
de suscitar dúvidas sobre a natureza de Callista.*

Porfírio. Vai-te daqui, corja inútil!

Callista. Mas se estás em minha casa!

Porfírio. Mulher adúltera, leito fútil!

Em que não me serve a mais nada!

É!

Toda mulher vale o seu preço!

Movendo-se como pluma sem endereço!

Vai com o primeiro que lhe aparece,

Desprezo tua corja, desprezo tua espécie!

Desprezo teu gosto por quem merece!

(Tenta valer-se do corpo de Callista,

Enquanto ela afasta de Porfírio as mãos).

Porfírio. Pois se te incomoda meus carinhos,

És uma louca, tresloucada, mulher emancipada

Em busca de salafrários!

Mulher que não serve a mais nada

Além de farnel aos funcionários!

(Bate em Callista).

Porfírio. Vou ensinar-te a castidade,

Vou mostrar-te ser homem de verdade,

Forçando-te, a que será inútil tua resistência!

Ser-te-á inútil ter sua própria residência!

E assim, de trauma indenominável,

Jamais provará outro homem,

Jamais terá na vida o prazer em ter um,

Jamais terá na vida, prazer algum!

*(Porfírio força-se sobre Callista.
Após inerte, ferida e enojada, abandona-a).*

*Porfírio é cercado de Mil Demônios, os quais o amparam como a
um rei absoluto do qual emana a razão.*

Porfírio. Mas, se voltares a teus deveres,
Saiba, Callista, terás novos prazeres.
Porque sou homem generoso.
Posso dar-te outra chance,
E tua vida terá gosto novo.
Porque Deus quis assim:
Que fosse a mulher mais frágil
E que servisse apenas a mim.

(Callista vomita. Resistindo em servi-lhe, dispensa-a.)



CENA II



Callista, ferida e calada, limpa-se. Veste-se. Vai ao trabalho.

É recebida pelos amigos de Affonso com espanto, que nada lhe perguntam. Observam-na voltar-se aos trabalhos da Comissão de Constituição e Justiça em silêncio. Affonso chega a sua mesa. Prepara seu discurso. No ínterim, vê Callista. Posterga.

Odacir, Olavo e Ronaldo. Que vais fazer, Affonso.

Affonso. Nada.

Que de amarguras a vida já está cheia.

Não farei nada.

Odacir, Olavo e Ronaldo. Não vais matar Porfírio?

Affonso. Não.

Que já tem plano preparado.

De antemão a matar-me antes.

Mário. Ah, é?

E desde quando te acovardas?

Em não defender mulher?!

Messias. E tens plano melhor?

Que plano é esse, celebrar a tristeza,

Abandonando Callista à solidão,

E com isso o que em nós se preza,

Que em nós nos dê razão?

Affonso. A culpa é de Callista.

Vejo aqui as notícias do dia.

Santa Cruz venceu Belford Róseo Futebol Clube.

Odacir, Olavo e Ronaldo. É que estás louco,

E com isso dás de esperto!

Pois nos tire desse bloco,

Que vamos votar!

Vamos votar pleito,

Pleito de periciar!

Affonso. E com que embasamento?
Se leis mais que endossam
O apaziguamento.
A mulher com violência
Lucra o quê? Nada.
Vejam, a poupança perde a rentabilidade,
Dispersam-se dez bilhões,
Assim a previdência peca em necessidade...

Mário. Não é possível,
Pois estamos na década de oitenta!
Mulher trabalha fora,
E de marmanjo não pode ser detenta!
Aqui, em plena luz do dia,
Meio às hostes de congressistas,
Uma funcionária à luz do dia!

Mário. Ora, que vá à Polícia,
Registrar a queixa dela!
E com a lei, sem demora, coloque
O marginal numa cela!

Aparece Milton, ex-professor de Affonso. Ouvindo a conversa, intromete-se.

Milton. Pois Mário, se a ti não parece claro,
Recordo que Porfírio, além de homem falho,
É filho de Magistrado.
Eu que não me envolveria
Em discussão, se trovador
Dos trópicos celestes.

Sabes que talvez seja eu quem tenha feito quermesse
Para o festim do dileto de Juiz sobre a mulher.
É porque é isto, logo ela se esquece,
E melhor que ao homem se livrasse
De mulher que não lhe oferece muito apoio.

Mário. Tamanha ignávia!

Affonso. Ah! Naves americanas circulando na plataforma
continental...

Odacir, Olavo e Ronaldo. Affonso!

Cessa com isso!
Cessa com essa loucura passional!
De outro modo, não se pode ler,
Tamanha indiferença...!

Odacir, Olavo e Ronaldo percebem a presença de Jacinto, o assessor espia. Silenciam os colegas, pondo-se a fazer outra coisa. O espia se retira. Mas Affonso continua num ímpeto. Os colegas apercebem-se de sua manta de dignidade.

Affonso. (lendo o Diário Oficial em voz alta).

"Nomeado Virgulino Prestes de Souza,
Científico em expedição ao arquipélago
De São Pedro e São Paulo...
No Ministério Cultura, aventa-se projeto
De consideração da música nacional..."

*Messias, bofeteando espalmado Affonso,
Abofado, chora e esmurra o tampo,
Declara, murmurando tristes augúrios.*

Messias. Que de aviltante há, pergunta-me,
Se Callista é uma de tantas, e se há dessas
Muito mais outras em situação que não as valha!
É que dela nos ocupamos,
Por tua culpa, por tua culpa, Affonso, é esta a tua falha!

Odacir, Olavo e Ronaldo. Falha?!

Não estivéssemos em ímpeto
De amor de colega,
Seria então permitido?
Julga então que é permitido,
Homem, que na Igreja vá,
Não ser punido,
Uma vez que às mulheres
Cabe o dever da cama?
É de Affonso a culpa,
Ter Callista quem a ama?

Messias. De forma alguma, pois, pelo contrário,
Prevê-se, sim, até boticário
Em casos sem saída de amor.
Ora, não me venha com sermões,
Tríduo agnitivo, como se de mim melhor fosse.
Que até decalustro atrás, seria prima da luxúria
Reclamação de mulher em que se bate.
Fazendo a peia tanto parte do costume
Quanto do abate.
Se algo muda, tríduo, e se a mulher
Conta com seu apoio, é porque o dei antes.
Não é de fato costume, façamos aqui lume,
Ostentar tamanho dissabor nos dias de hoje.

Que o dever religioso é senão o de amar.
E ao que a Callista se fez e se vê,
Digo alto lá!
Mas que fazer, se feito está.

Mário. Punição é preciso, ou construção
De apoio que coíbe
Esse tipo de violência.
Sejamos mais racionais, senhores.
Haja paciência.
Vamos ao Plenário
Planejar com o que nos cabe
Uma lei que nos vale,
Trazer à tona desditos fatos.
Porque, no que depender de Affonso,
Ficará em finos tratos.

(Todos menos Milton retiram-se. Affonso permanece. Milton o observa).

Milton. Vais vingar-te, não é, Affonso?

Affonso. Sou diplomata de origem. Disso sabes.
Desde quando diplomatas vingam-se.

Milton. *(Rindo-se).*
Tens razão.
Mais fácil crescer pelos em ovo
Que gente de língua bífida
Produzir fruto que não seja de mera linguagem.

Affonso. Por que não te despede,
Notável Mestre?

Milton. Nah. Ficarei um pouco mais
Para certificar-me disso.
Tu que tens imunidade dentro e fora do País
Certamente dela não necessita fazer uso.

Affonso. Decerto.

Milton. Affonso.

Affonso. É meu nome.

Milton. Que queres que eu faça por ti?

*(Affonso larga o Diário Oficial. Retira os óculos, esfregando as
pálpebras fatigadas).*

Milton. Vais cassar o registro profissional
Desse bárbaro astuto?
Espancar seu ego enorme e corpo diminuto?
Terminar a reputação da mãe dele?
Perdoe-me a curiosidade, Affonso.
Mas conheço-te tanto,
E tantos vermes vi nesta curta vida,
Que já me vai em tristes fados
A história em que, enaltecidos,
Deixa de ser omissa.

Affonso. Por isso és professor, e eu aluno.

Milton. *(Atirando um pedaço de papel num cesto,
Girando a cadeira de visita).*
Bem sabeis, Affonso.

De tudo que vi nestes anos
Que me foram tão úteis quanto breves,
Incomoda-me apenas a astúcia
Em tomar certos fatos com naturalidade,
Senão com falsa indignação,
Supostamente inevitável a barlavento.

(Deixa-o Milton).

Affonso se vê sozinho em Plenário.

Affonso. Mais um de meus monólogos,
Indispensáveis a qualquer homem,
Pois que não compartilho nada,
Apenas componho,
Componho minha própria falha.
Ah...
Sem rimas, sem nada,
Que é que se pode dizer,
Quando sofrega o peito dela no meu
E me desperta a angústia ao amanhecer.
Se da partilha mandatária me livrar pudesse,
De sentimentos mútuos, das sanas preces,
Se pertencêssemos a mundos distintos...!
Em que não me arriscasse à sua mágoa,
Em que fôssemos fruto de um mesmo instinto.

Afinal, que é o amor?
É o gosto amargo
Em despertar-se sozinho...?
Qual pesado fardo
Que carrego em meu caminho...?

Infundável minuto tardo,
Que a todo momento se principia.
E que, nunca vendo o fim,
Moléstia em mim me sentencía.

Afinal que é o amor?
É deixar de se ver no mundo como um ser pequeno,
É achar que tudo explica o amor e suas verdades.
Mas pra que o amor?
Se nunca se encerra nele a felicidade.
Estou um pouco desanimado.
Não sei se o amor existe
Ou se é mero ato falho.
Não sei o que propriamente o distingue,
Se é da seta o mesmo atalho.
Assim, soffro.
Soffro de soffrimento.
Tanto mais soffrimento
Quanto mais amor se tem.
Imagine então qual é o soffrer
Quando é ao amor que se quer bem.
Amo tê-lo.
E é daí a dor,
A dor que jamais finda.
Amo amar o amor:
Saudade do que se vai viver ainda.
Os males são tantos,
E me dizem: só se mantém em preserva
Amor muito tempo depois de morto.
Como se ao padecer de seus efeitos
Só pudesse vivê-lo em gesto pouco.

O amor é inútil.
O amor não serve para nada.
É apenas a indispensável moldura
De uma alma ensimesmada.

(Folheia o Jornal do Senado impaciente, como se esperasse que Callista viesse a aparecer a qualquer minuto).

É de fato, inútil, o amor e
Inutilmente faz o homem aí morada.
Fosse assim, eu desestaria fútil
E a vida, desamargurada.
Amo tanto Callista, e esta nem sabe de nada.

Pouco importa a ela ouvir-me.
Que o céu sobre um velho desabe.
Pouco importa a ela sentir-me
Constrangido no papel que me cabe.
E fico aqui. Quietos. Sem molestar-lhe.

Pra que serve o amor?
Não posso fazer tudo o que eu faria na vida,
Dispensada fosse hoje, esta bendita ferida
De que jorram meus sonhos funestos
De desvario imediato?
Eu viveria decerto melhor. Mais alegre.
Mais egoísta, conformista, e tudo mais que se segue.

O amor é a natural intuição.
É o palpite que me sobra
Depois de me habituar à ilusão.
E se alimenta da minh'alma

Quando a ele resiste.
Se derrama em pranto,
E me absorve o orvalho.
Vivendo em olhos umedecidos,
De tristeza amortecidos,
Dos quais pra ver a vida me valho.

Ei-la, Callista.
Vejo-a hoje, como a vi um dia.
Hoje nos vejo ambos tristes.
Quem diria.

Não que isso me alente.
Não me alenta sofrer junto.
Mas sem dúvida algo é diferente
Quando se vive o mesmo assunto.

(Continua a folhear).

O que é o amor, senão isto.
Uma espera constante.
Reviver tudo do início.
Reensaiar mil vezes o mesmo instante.
Propício.

Pra que serve o amor?
Para estar um terço confuso, metade pessimista?
E com isso viver sem dar a mínima para a dor,
Em traço e momentum minimalistas?

(Observa finalmente Callista prendendo os cabelos ao longe. Deleita-se).

Mas me denuncia o corpo de Callista,
Em força solene escondida por trás.
Pois, em verso de emoção legítima,
Palavra que é dita não se desfaz.



CENA III



*No gramado do Congresso, Olavo corre, transpirando.
Dois homens disparam contra ele. Estampido de dois tiros.*

Olavo cai, corpo debatendo-se em silêncio.

Odacir e Ronaldo observam da plataforma de onde se ergue a bóveda do Senado. Ronaldo, ao correr para acudir o amigo, é segurado pelo braço por Odacir. Silenciam. Abrem-se janelas na bóveda concava. Cada senador acende uma vela.

Em Plenário, diálogos rápidos e efusivos, alimentados pelo martírio de Olavo.

Mário lê o jornal, irônico. "Morto por traficantes".

Ronaldo. *(Em silêncio fúnebre, e em fúria interna,
Volta o olhar para Affonso).*

Affonso. Não me olhes assim, Ronaldo.

Que no Itamaraty,
Desde o século passado,
A culpa da morte
É sempre do morto.

(Ajeita uns papéis do discurso).

E assim se constrói o Estado:
Em silêncio.

Messias. *(Mirando a caneta invertida).*

E assim se sepulta, também, a *causa mortis*.

Odacir e Ronaldo. Até que alguém a desenterre.

Callista. *(Enigmática, olhando no vazio detrás dos olhos).*

Até que alguém desenterre a *causa mortis*.

Messias. Callista, retorno à minha base.

Sinto não poder aproveitar-me de teu caso

Para obter este ou aquele benefício,

Como contrapartida de calar-me.

Mas se não volto, vão matar-me.

Callista. Vou buscar-te de volta,
nem que me tardem trinta anos.

Messias. Ah! Vejo que a violência

E que a suja e sequente ciência

Ainda não corromperam a tua alma.

Não fraudaste ainda a consciência,

Callista, para sobreviveres?

(Acariciando o rosto inchado de Callista).

Callista. Não.

Messias. Nem por isso alguém te imputaria culpa.

Callista. Psiu. Deixe de ensinar-me em tentações mal-ajambradas,
Que é discurso de Affonso em Plenário,
E quero ouvi-lo.

Odacir. *(Apontando aos colegas, ténue gesto o denuncia mal-humorado)*

Eia Jacinto, às claras, como de praxe, junto à Mesa.
Que se aferram, desde cedo, as crianças à certeza,
Tenho conhecimento.
Mas de homens crescidos e astutos, assim expressa,
Tenho como...

(Riem-se).

Jacinto. Sim, ó, Senhor Presidente, está inchada e gigantesca,
Esta chaga dos novos tempos democráticos,
Que andar á capenga, caso sustentar-se possa!

Todos se entreolham. O microfone ligado.

Callista rapidamente o desliga, como se tivesse cometido deslize. Tão habituados estão às gafes propositais de Callista que a tomam como regularidade necessária e preparam-se para ovacionar Affonso.

Senta Amir, na cadeira de Olavo, muito tenso e tímido.

Todos o observam em silêncio obsequioso, como se não fosse durar minutos a mais que quem veio a substituir.

Odacir e Ronaldo colocam-se ao seu lado, de pé. Amir se sente aliviado. Os líderes em círculo fechado observam-nos ao longe, dão sinal com o olhar, procedem aos seus lugares; são seguidos ao longe por Mário e Messias, os quais se sentam ao mesmo tempo em que Affonso toma a palavra. Inicia-se o discurso.

Affonso. Senhor Presidente,

(Aplausos efusivos).

Em muito andei refletindo
Sobre nossos passos,
Os passos desta nossa Nova República.

(Aplausos mais altos, Parlamentares se elevam).

Callista. *(Num aparte a Messias).*

Percebo agora, Messias!
Percebo agora o que faz Affonso!

Messias sorri indigente em um sinal para Callista não denunciá-lo.

Percebem Jacinto estupefato, ligando para as Forças Armadas, que o atendem de má vontade.

Affonso. *(Sorrindo ao ganhar a atenção de Callista, prossegue).*
Sabemos, Senhor Presidente,

Que esta Casa não tem abandonado
Grandes causas desde que abriu suas portas.

(Aplausos, incluso de alguns parlamentares tentando acompanhá-lo).

É inútil debruçar-se sobre estruturas
Há muito fadadas ao fracasso.

(Jacinto aplaude. Parlamentares sorriem).

Jamais funcionou em nosso País
Instância última Judiciária!

(Abre os braços, em pantomima de despropério, para Jacinto).

Assim como em todas as Américas!

(Delírio juvenil em aplausos do Plenário inteiro). (Amir sorri e sussurra com os colegas)

Amir. Brilhante!

Affonso. Supremo que funcionasse,
Em monarquia constitucional,
Este, sim, deveria constar em nossa Carta!
Que por conseguinte entusiasmasse,
Sendo nascituro íntegro de dois poderes!

(Reverencia Jacinto tal qual o faria a Pedro II)
(Retorna ao seu assento, em pausa todos debatem alvoroçados).

Affonso, apoiado em um cotovelo, contempla de soslaio Callista, com rosto aquecido de discurso recente).

Messias. Callista, agora sim, vou-me.

Que já tens a instância que julgará teu caso,
E de todas as mulheres que venham,
Em futuro que jamais revoluciona,
A tropeçar e cair sobre filho de magistrado.
Tenho uma filha, Callista, e como ti
Um dia há de casar-se e dar-me netos.

Callista. *(Beija-o efusivamente no rosto e deixa entrever as curvas do corpo).*

Senador... Guarde seus planos
Para a felicidade de sua filha,
E guardarei minha felicidade
Em ser atraente aos homens.

(Sussurram quaisquer palavras em confidência).

Jacinto. Callista!

Que notas taquigráficas são estas?!
Onde está o teor?! Vejo apenas questão de ordem!
Vejo apenas quem tomou a palavra,
E que são esses palíndromos
Que carregas na bolsa?!
Farei revistá-la,
Pois que mulher assim débil
Não conta com prerrogativa
De honra da própria imagem!
E que o diabo me perdoe,
Mas parece relato de uma virgem

Com problemas cerebrais!
Mandar-te-ei à perícia novamente!
Terás dispensas totais!

Callista. Sim, e direi a eles de minha prudência
Em não falar de meu rosto ferido,
Apenas de flores de um combalido,
E direi num misto de temor
Que não tens nada a ver com isso...

(Jacinto murmura e afasta-se com receio).

Affonso. Vejo-te velha, Callista.
Velha e calejada.
Já nem mais te quero.
Exceto por teus seios firmes
De mulher de Ceschiatti.

Callista. Não se fazem velhas e calejadas
Em um Ceschiatti
da noite para o dia,
Bem sabes, Affonso.

Affonso. Não, mas aqui de fato vejo,
Diante de mim,
Como se recém-criados
Tivessem sido!
Falta-lhe apenas a espada,
Para que teu farto colo materno
Não me seja prescindível.

Callista. E tenho uma, Affonso.

Uma espada de *champagne*.

Champagne desde 1914,

Feita em Garibaldi.

Affonso. Não se faz *champagne* no Brasil,

Callista. Pobrezinha que está delirando,

Conforme disse Jacinto.

Callista. (*Enfurecida*).

Diplomata e não o sabes!

És da França, e não do Brasil?

Affonso. (*Rindo*).

E por que não me convida,

Assim mostra-me.

Callista. Tsc. Tomou-me a minha casa,

O filho do magistrado,

Que cisma ter sido traído

Ao ver meu amor sincero,

Embevecido,

Autêntico por certo homem.

Affonso. Um bovino de fé,

Dizes-me.

(*Dando-se conta*).

Tem fé tamanha

Em sua própria condição,
Dizes-me?

Callista. Infelizmente.

Imagine que diria um filho disso.

Affonso. Poucado de Édipo Rei estaria, oras.

Que não teria que fazer nada,
Se o pai derrotado já se declara.

Callista. Mas em quem se inspiraria?

Affonso. No alvedrio de inspirar-se

Em quem bem queira.
Bendito seria o menino.
Ter liberdade derradeira.

Callista. Que descendente tão feliz seria,

Esse, da raça dos homens edificada
Sobre o erro alheio.

(Riem-se).

Suponho um filho dele
Regalar-se-ia por inteiro
Da mais alta virtude
Em hierarquia teológica,
A misericórdia.
Estou cansada, Affonso.

Affonso. *(Num afago).*

Falemos então de nossos filhos,
Callista, os irmãos dos rebentos
De que se ocupa tua mente materna.

Callista. Sabes, Affonso,
Ando descrente da República,
E confesso-te:
Prometi a Messias
Seguir seu conselho
De postergar-me
Até que impossível seja.

Affonso. Como agora?!

Callista. (Rindo). Não.

Affonso. Fazes bem, Callista,
Assim fazes melhor que tua avó.

Callista. (Esnoba-o).
Ou tão bem quanto ela!

Affonso. (Otimista).
Já não vejo mais nada em teu rosto.
Vejo-o viçoso e límpido tal qual céu de Brasília.

Callista. Já não posso dizer o mesmo de minh'alma.

Affonso. E a alma não se regenera mais fácil?

Callista. Quisera eu fosse assim.

Mas sinto que tão eterna quanto sua substância
São as marcas que nela residem.

Affonso. Se eu as diminuísse,
Não te tornaria mais bela.

Callista. Papo-furado, Affonso.

Affonso. De fato. Que Deus me valha então,
Em angariar coragem de conceder-te.

Callista. Conceder-me?!

Affonso. Sim, em te conceder a mim,
Posto que és minha.

Callista. Pensas que será deveras fácil,
Assim, Affonso...?!

Affonso. Sim. Será como um curso natural
Do estado atual das coisas.
Por que me olhas assim?
Não tens pena em condenar-me
Pelo que viveste de ruim?

Callista. Sorrindo.

Affonso silencia, lembrando-se do triste ocorrido.

Ao perceber o hematoma na mão de Callista, esfrega-o.

Callista. Estás por acaso triste, teu tom,
Affonso?

Affonso. Decerto, para que me bejes.

(Beijam-se finalmente Affonso e Callista em Plenário esvaziado).

Callista deixa-o após delicado gesto de divina fragrância, com peito disparado, para o breve desterro de uma noite.

Affonso. Pra que serve o amor?

(sorri e coloca seu fez de abas).

Para isto, oras.



CENA IV



Messias. *(Arrumando seus pertences,
Enquanto deixa seu gabinete).*
Que notórios, estes tempos,
Em que Sagrada Escritura,
Nos sacramentos empedernida,
Dispondo concreta igualdade refletida
À mais pura e divina imagem,
É brutalmente ignorada.
Ora! Se desde o início dos séculos assim é,
Que diferença faz, instrumento de igualar mulher...

Mulher, negro e criança,
Nesta dança de texto jurídico...
Que diferença faz dizer o óbvio?
Que diferença, pôr numa carta,
Com prescindência de força divina,
- Que ademais dispõe apenas pleitos -
Asseverar tantos direitos
Dos quais já não se goza?
Deus queira e assim conceda,
Floresça a razão em tão abundante florilégio
De espessos parágrafos e capítulos,
E seja a igualdade robustecida
Pelas tantas instâncias que preza Affonso.
E Callista, outrora desmanhada,
Embrutecida, de homem fadada,
Ouse defender suas causas fundamentais,
Originadas no pensamento
De um coletivo tormento
Face a tantos hábitos animais.
Quero ver se em novos tempos
Convocar deixará de ser intento
E se de prévia defesa disporá o cidadão.
Quero ver se nestes novos tempos
Vencerá o vero valor da Constituição.
Mas, chega! Que já tenho chagas demais.

(Fatigado, contempla o texto Constituinte nas mãos, observa a contracapa. Hesita em deixá-lo sobre a mesa; coloca-o na bolsa, e a fecha como se guardado tesouro tivesse).



CENA V



*Callista ganha um corpo e movimento próprio. Villa-Lobos, Des-
cobrimento do Brasil – Introdução – Alegria.*

Callista, em cadeira estirada,
Estica a perna, delineada,
Desliza em cada coxa as duas mãos.
Olha para a palma ensimesmada;
Dá-se conta de sua visão.
Lentamente, em véu formal,
Erige a vértebra, de peito frugal.

De braço forte, corpo robusto,
Levanta-se como num susto
E observa ao seu redor.
Acima a luz lhe doura o pelo,
E observando longos cabelos
Dedilha as mechas em cada nó.

Anda bailando, busca o sapato,
Enfia o pé, espanta um rato,
Contempla em si o próprio público.
Vira de costas, torce o pescoço,
Em todo passo propende cada osso;
Se contrapesa, em gesto único.

Vestido de relva verde escurecido,
Altiva vista de lucidez profunda.

Acena e enaltece os merecidos
Que em perspicácia a circundam.
Executa a própria veste,
Tal qual sagrado gesto fosse,
Casaco em bordado ouro e doce
Deixando o colo bem à vista.
Caminha em longânimes passos,
E no horizonte plácido, olha altruísta.



CENA I



Na residência de Mário, com D. Lili, reunidos parlamentares e juristas, incluso Roberto, um Senador-magistrado.

Callista vê grupo de amigos de Porfírio, juntamente com Jacinto, aproximar-se. Prenunciam julgamento, entregando a Callista citação administrativa.

Em silêncio, Callista medita.

Vida plena tinha Callista,
Superada a velha morte,
Às mulheres que se entretinham
Com egoístas meros consortes.
Deixados de lado, idos veros desgostos,
Callista indagava-se em seu entreposto:
Por que no passado se amarguravam
Tantos homens vencidos,
Quem em busca do novo haviam falido
Todas as mulheres com que ceavam?
Afinal, de qual estrutura, se é que existisse,

Uma mulher jamais findava?
Remexendo suturas, tantas choraram.
E, abandonando o espírito dos homens,
Se desmontaram.
Em precipícios de esquecimento, o gosto de fel.
Era assim o costume,
Desde sempre, em lidar com dissabor.
Estavam todas lindas, aquelas mulheres
Que foram Callista.
Tinham de ser rejeitadas?
No fundo estavam tecidas
Em paisagens desmesuradas.
E ali, na tensura diária do humor do homem,
Rasgavam-se.
Novos ares, e Callista não cabia, contudo,
Em receita de advenidiço conteúdo,
De prados seguros, pós soleira da porta,
Onde se asseguravam intactas
As notáveis mulheres do passado.
Eis que os homens a chamavam a servir,
A servir a eles,
Como se o intuito fosse estar morta,
Se porventura não lograssem resolver-se.
Não era apenas para o indivíduo,
Era chamada a na pólis preceder-se.
Não se tratava, portanto, apenas de ser mulher.
Tratava-se de ser efígie: da República que se é.
Assim a via Affonso, e temia Callista,
Um dia fosse o amado Constituinte,
Não houvera quem a defendesse.
E como tudo na vida se dissipasse

Num sonho de passado distante,
Que não durou mais que um tanto
De bons instantes colecionados.
Afinal, era vitrine viva e miúda
De todas as aspirações de futuro.
Não era um fundamento;
Algo sobejamente puro.
Olhando distante, no vazio,
Callista amargurada.
Via o utilitarismo,
Amargurada.

Affonso. Callista, não fiques assim.

Pois podes sempre recriar-te.

Teus princípios são teus fins.

E isto, sim, é que é arte.

Invoca um colega para lidar com os amigos de Porfírio que vinham importunar Callista, com acintes de Jacinto.

Roberto. Nobres amigos, sabemos de nossa

Indiscutível amizade.

Recordemos, contudo, que convocar nos cabe.

Não tendes mandato nesta Casa,

Pois de nascimento popular não gozam,

Nem de atributo pelo povo outorgado

A manusear conteúdo de Magna Carta

Por meio de surrados subterfúgios.

Que dirá de mandato jurídico

Para avaliá-la em exorbitância.

(Em aparte: A nomeação por Jacinto vos compromete a lisura).

Amigos de Porfírio. Sabeis, ó, Parlamentares petulantes,
Que oferecemos cursos administrativos
À sua nobre envaidecida
Pelo módico preço de cinco salários mínimos?
Pois é o que cobramos para deixá-la em paz,
E não importunar também a vós e a seus contratos.
Afinal, que Juiz de interior não duvidará
Da possibilidade evidente de suas ações
Perdulárias, dificilmente justificáveis?

Roberto. Ora, guardem sua insolência para si mesmos,
E saibam que de extorsionários
As cadeias transbordam.

Affonso. Parece justo, Roberto.
O Oficial de Justiça,
Onde está?

(Sem ter o que dizer, os amigos de Porfírio se retiram e a ele retornam. Callista observa Affonso entristecida, e sai de cena).

Affonso. *(Para Roberto).*
Com mil demônios,
Exercer cargo público
Tornou-se carreira onerosa.
É preciso pensar dispositivos,
Roberto.
Para evitar essa gente pouco ciosa
De que conosco gastamos nada.
Nem onde morar com Callista tenho!
É a falência sentenciada.

Roberto. E que fizeste com teu salário?!

Affonso. Ora, financiei letras e outras cousas,
Cousas mais essenciais à República,
Ou pensas que as leis adentram
Na mente dos homens por osmose?
Não. Elas apenas permeiam seus atos
Quando difundidas, defendidas, urdidas
Numa atmosfera de superior valia,
Em teia tecida de acontecimentos.
Em arquétipos coletivos que, ao ser vistos,
São descobertos divinos no fino véu sobre o firmamento.

Mário. *(Interrompe-os. Achegando-se, todo suado).*
Tudo parado,
A depender de autorizações,
Que passam a regalias sob mérito de lei ausente.
Até mesmo caixa postal
Se teve de ter em mente
A fim de que saíssem as provas da gráfica.
Ei-la, Affonso, sua boneca,
Pronta a acomodar todas as roupas
Que as agruras posteriores exigirem.

(Manuseiam os textos primitivos da Constituição Federal).

Amir. Não havia capa dura e dourada?
Os vaidosos juristas não hão de levar a sério
Sem encadernação dourada.

(Todos riem).

Mário. (*Sério e avermelhado*).

Sabes... Sabes quanto custou isto, de meu bolso?!
E sabes de gesto e zelo de gasto público?

(*Riem mais um tanto*).

Affonso. De nada sabem, oras, veja a nova estética

Da década de 1980, minimalismo à frente!
Serão estocados jurássicos, se não sabem de nada.
Afinal, um dos seus princípios inovadores
É justamente a economicidade...

Odacir. (*Folheando as primeiras provas*).

Affonso, muito distantes se encontram
Estes textos de mil cores intactas,
Daquelas primárias que se fiam
Em conformar e esclarecer toda a visão.
Isto não é base; isto não é Constituição.

Amir. E que sugeres, se a legitimidade

Dos tantos parágrafos
Nada mais é que ter de sua redação
Sido ativos e contínuos partícipes.

Affonso. Decerto que criamos algo novo,

Colegas. Criamos Constituição Política.
Para curar muito mais que conflitos,
Para recriar muito mais que instituições.
Temos texto cheio de patrística,
Temos versos de admonições.
Eu me encanto de toda forma.
Estou satisfeito. Por isto morreria,

Como morreria por Callista.
Por que como contrariá-las?
Só me respaldam, a Constituição e Callista.
Como há de respaldar qualquer bom intuito.

Mário. É, mas temo ser necessário mais que amor fortuito.

Odacir, Amir e Ronaldo. Faremos como antigamente,
Quando eram à época celebrados
Os grandes costumes em boda.
Um correto conjunto é preciso,
Que, incorporado, renda lume.

Affonso. Psiu! Ouço sussurrar Beviláqua:
Cláusulas pétreas.

Mário. És um otimista desgraçado.

Affonso. Otimista, nada.
Homem de letras
Em nada perde ao jurista,
E Benevides?

Odacir, Amir e Ronaldo. Claro, e de tuas dileções,
Abundarão teses jurídicas.

Affonso. Acaso tendes sugestão mais elegante,
Menos imprecisa...?

Mário. E quem defenderá isto, Affonso?
"Cláusulas pétreas?".
Teus fantasmas de palacetes imperiais?

Monarquias constitucionais da Europa?

Affonso. Ora, se algo quer dizer o termo Supremo,
Que seja dispor de capacidade para tanto!

(Lili, servindo esfrega as mãos em guardanapo).

Lili. Recorda-te de pôr isto no dicionário, Affonso.

Affonso. Que tem Callista, Dona Lili?

Lili. De praxe, te dirias: coisa de mulher.
Mas, não. Vejo que não há anel singular na mão dela.
Mulher assim não pode estar bem-humorada, Affonso.

Affonso. Será remediado. Por boda de cláusula pétrea.

Mário. Seja menos indulgente contigo, Affonso.

Amir. Ajudaremos todos, a que por bem tudo marche.
Não é de cláusula pétrea, mas de corporação que encaixe
Em seus desígnios a manutenção de larga estiva.

Affonso. Que seja distributiva.

Odacir. Então, me encarrego de pensar,
De me entreter do envio do áureo texto,
Concebido sem vício jurídico
Aos homens suaves e às mulheres bravias em contrapeso,
Se me permitem Mário e Lili o trocadilho.
Aos maestros e a seus notáveis alunos,
Aos poetas, às do lar e aos andarilhos...
Se bem sejamos claros, queridos e ilustres,

Que registros em terras mais raras
Estiveram sob o tenro cuidado
Das exímias mãos religiosas.
Se a Magna Carta inglesa perdura setingentenária,
E a Declaração de Independência, ducentenária,
O fora por distintos sistemas,
Todos eles muito bem repousados
Sobre águas imperturbáveis
Do nome herdado em anonimato.
Certas revelações jamais se corroem
Quando correm no manancial instintivo
Da dignidade da mulher e do homem.

Mário. Mas chega de belas palavras de sabedoria,
Odacir. Colegas. Devemos proceder então
Ao prudentíssimo evento de Affonso!

Arrumam-se e dirigem-se à capela do Pateo do Collegio.

Odacir, com mãos antigas, arruma gravata de Affonso.



CENA II



No Pateo do Collegio, em 15 de novembro.

O Casamento de Callista com o Constituinte.

Villa-Lobos, Descobrimento do Brasil – Primeira Missa.

Callista. (*Resmungando, resignada*).

Casamentos, não me agradam esses funerais de mulheres.

Em traje de renda, Callista sustenta
Uns pares de flores ornando sua mão
Escorada em batente, se inventa contente
Na indispensável e temida situação.
Com braços em descanso, dobrados detrás,
Tramita no átrio, em silêncio de paz
Quebrado pelos sons de seus curtos saltos.
Sob luz descendida, de janela encardida,
Em difusos fâchos.
Casamento entretido de umas poucas três almas
De cada lado contido em promover palmas
- a um evento severo que pede pouco canto.
Callista espera. Com face sincera.
Sem gozo e sem pranto.

(*Como se aparecer noivo fosse inesperada surpresa*).

Não que prescindisse Callista de notável beleza;
Mas sua efígie envelhecida não lhe permitia júbilo.
Um sorriso aturdia a serena elegia de quem não tem público.
Assim, desobrigada a pensar e exprimir para agradecer
Callista, tranquila, contemplava o lugar
Em que tantos momentos havia lhe trespassado.
Solene estabelecimento, de amor desmesurado.
Pateo do Collegio...

(*O Padre jesuíta se coloca no altar e instrui os acólitos. Callista, sentada no banco, observa o inóspito*).

Callista. Não pensarei no que estou fazendo.

(Chegam convidados e Affonso acena da porta, a Callista).

Affonso, todo animado, vê Callista erguida e completa.
Recorda-se ser o contrário: nela involuntário, celebra.

O grupo de Porfírio, contudo,
No santuário adentra,
Entrega nota à Callista,
E aos noivos desconcentra.

Agradece rapidamente ao Oficial,
E os desconvidados ali se retêm.
Callista lê a epígrafe boçal,
De previsível autoria de ninguém.

Affonso. Não quero ver isto, Callista,
Depois nos vemos com essa lista,
Não dispensemos doce momento.

Callista. De fato me leste o pensamento,
E bradar cânticos barafustantes
Não são bom agouro a pleno evento;

Affonso. Justo, que de odores contenciosos
Espero estarem fartos estes ventos,
Soprando em tantas razões itinerantes...

Callista. Mas deixe-me içar estes velames numerosos,
De onde pendem as vestes alvas e perfumadas

Do intuito imanente do propósito judicial.

Affonso. De outra forma, a que nos serve,
Senão o inciso curto e breve,
Oculto na velha verve frugal?

Callista. Tantos foram, tantos são;
Tantos viram! Tantos vão.
E se me expulsam a palavra,
Na vida cessam as garantias
A tão caro custo acepilhadas;
Desmoralizadas, veem a acefalia...

Affonso. ...dos velhos métodos a si fadados,
De uns que vivem ensimesmados,
A assegurar-se do poder o domínio.
A alternativa é o reino da influência,
Em que os ditadores grassam exímios.
Sim! Pois agem como faziam antes:
Julgam-se ao redor de castelos,
Em terras pensadas como territórios.
Posto que esse é o substituto à política
Quando esta cessa por ruídos demeritórios.
Callista. Visto de frente, Affonso, seja contente
Quem de boa fé a essa ceva resiste
A desmerecer quem é o garante
Da mesma liberdade que lhe assiste.
De minha parte, digo a ti, Affonso,
Constituinte que me desposou:
Tenha sempre a mulher em sua vida
O homem que nela consigo sonhou.

(Sorriem pacíficos, trocam alianças).

(O grupo de Porfírio, em expressões lupinas desagradáveis, permanece com notável decepção em não lograr incomodá-los; tomados de sentimentos atávicos, nutrem-se de jactância; condenam a indiferença alheia, como se ser feliz atentado fosse aos efeitos da Justiça. Cegos, desmoralizam a saciedade alheia. Chega Messias, entusiasmado, conferindo data e hora no convite feito à mão de Callista. Dá as mãos a Mário, a Odacir, Amir e Ronaldo. Cumprimenta os pais de Callista. Enxota o grupo de Porfírio com ritos exorcistas, que, assustados, retiram-se do Pateo).

(Em puro silêncio, quieto e parado).

Em gesto de um quase nada,
Affonso ergue o véu da morada
De um doce e breve sorriso.
Desnuda a face molhada
De uma mulher amolgada
De tanto provectoro aviso.

Em gesto de um quase nada,
Callista segura amainada
As mãos de outrora improvisado;
Acena aquiescendo morada,
Na alma de Affonso encarnada,
Num beijo sem tecer juízo.

Em amálgama de prece e suave gesto,
Unem-se a Carta e o Constituinte:
Em liberdades vividas de perto,
Rente ao peito, rende o pleito seguinte.

E tomando em sua mão diligente defesa,
Ergue-se a Política com destreza,
Fulgurosa em sua fatalidade:
De garantias na palavra em defesa;
Tão doce o gosto de liberdade!

FIM



CENA III



Após a plateia começar a se levantar.

O Juízo Final.

Meses se passam.

O Juiz preside audiência de julgamento, chamando as diversas testemunhas de Porfírio. Em sequência, chama Callista e seu advogado, Affonso.

Juiz. Conheço o processo de Porfírio contra Callista.

Cumprimento o Ministério Público.

Indago às partes, finda a entrevista das testemunhas.

Sra. Callista.

(O taquígrafo toma nota.)

A Sra. está ciente de ter admoestado Porfírio,

E as razões que aqui lhe trazem?

Callista. Não.

Mil Demônios. (*Sobressai um deles, advogado de Porfírio*)

Excelência!

Que se tome nota de ridícula resposta,

E se atente ao despropério descabido

Da parte da incauta Callista,

Que não só sabe como vem importunando

Meu cliente há meses, o qual sofre,

Sofre em silêncio insuportáveis agruras

De se ver desacatado em sua honra!

Juiz. Sra. Callista,

A Sra. aqui se encontra

A fim de que se julgar possa

O pleito do requerente

De que não mais se aproxime dele,

A distância inferior de 300 metros,

E de que não mais lhe dirija a palavra,

Ou a qualquer de seus familiares.

Callista. (*Resignada*).

Affonso. Excelência,

Desnecessário mencionar

Que Callista não vive nem convive

Com o requerente há três anos,

Tendo aberto mão até mesmo

De suas propriedades

Em benefício do requerente

Para não mais ter de tratar com ele.
Tampouco detém, com o requerente,
vínculo civil ou laboral algum!

Juiz. Sra. Callista,
Está de acordo com a solicitação
Do requerente que lhe repele?

Callista. Sem dúvida alguma.
Ressalte-se seja recíproca
A sentença.

Juiz. Segunda asserção a que concedo mérito:
Ofendeu ao requerente?

Affonso. (*À parte, para Callista.*)
Callista, confirme ter sido o contrário,
E lhe serão abertas as portas para
Verificação de conduta.

Callista. (*Jesuítica, indisposta ao conflito e prosseguimento*)
Por favor seja mais específico.

Juiz. (*Arrumando os óculos e tentando verificar
de qual acusação se tratava sua décima audiência do dia*).
Vejamos aqui...
Atentaste à honra do requerente,
E acusaste tal homem de conduta sexual violenta?

Callista. Que fique bem claro que
É de Porfírio a autoria desse lamento.

Não vejo por que razão tratamento direto,
Enquanto convivi baixo o teto,
Venha a ser matéria de disputa.
Sendo por certo inviolável minha privacidade,
Minha imagem, minha privada conduta.
Se o ofendi ao reclamar meu direito,
Se discerni as palavras que lhe dizem respeito,
Não vejo nisso mal algum.
Já não trato mais com o requerente,
Desde dois anos mais um.

Juiz. E que significa dois anos mais um.

Callista. Já há um ano vinculei-me a outro homem.
Naturalmente a ele que as queixas assomem!

Mil demônios (*advogado*). Meritíssimo,
Essa mulher não é casada.
Casamento religioso, perante lei, não vale nada!
Prossegue o relacionamento entre ela e Porfírio,
E ao meu cliente ela deve viver de reparar-se;
Pois deve a ele todo o tempo que meu cliente desejasse;
Recorde-se ainda que, antes de se ver abandonado
Por tamanha *plebeia meretrix*,
Não conheceu outra mulher que fosse!
Apenas podendo ser enlouquecida,
De ter deixado meu cliente, a si mesma enaltecida!

Affonso. Excelência, rogo tomar em tempo nota
De tratar-se putativo o relacionamento,
Uma vez que não havia solidariedade ou consentimento.
Rogo também, nunca é demais,

Recordar à outra parte, que a lei nos torna iguais,
Prescindindo o País de arcabouço que defina
Distinções ou hierarquias de nobreza, sequer atribuídas,
Salvo seja em função profissional.
Vejo, contudo, que o requerente não consta como tal.

Juiz. Discordo, e tome-se nota de prolatada sentença favorável
Ao requerente, de que seja periciada a distraída.
Disponham-se como base as testemunhas indicadas pelo
requerente,
Bem como os exames realizados a pedido do requerente,
Na ausência e a contrafé da requerida.
Declaro encerrada a audiência.

Affonso. (*Ligeiramente surpreso*).

Callista observa Affonso como o pior advogado jamais encontrado.

Affonso. Contestarei por embargo de agravo, Callista.

Callista. Decerto.

Affonso. Não entendo o ímpeto masculino do Juiz, Callista.

Callista. Ah, é?

Affonso. Desde os recrudescidos anos da ditadura,

Callista, não vejo algo assim!

Callista. Deixe-me esclarecê-lo, Affonso.

Já que falaste por mim.

Meritíssimo e sua equipe

Mantêm filhos na escola do requerente,

E haja desconto por gentilezas sociais!

Affonso. Ah! Que coincidência!

Callista. Claro. Em cidade de interior,

Separar de filho de magistrado é demência,

E não tenho dúvidas de que, amparado

Em certa jurisprudência canônica,

Contraponham-se ao marco válido

Tantas consequências antagônicas.

Não temas, Affonso!

Casamento sem ato falho

Não se anula com leis biônicas.

Affonso. Bem me anteciparam, Callista,

Tuas longas tranças.

Chegam Odacir, Amir e Ronaldo. Juntam-se a Callista e Affonso em um jantar informal, elogiando a nova casa.



CENA IV



Cena doméstica.

Callista beberica um café em sala de estar pacífica.

Cansado e vagaroso, Affonso manuseia documento, estupefato.

Affonso. Embargo de agravo denegado!

Afirmam não conhecer

Casamento de religião;

Outrossim, os estabelecimentos jesuítas

Não gozam de condição religiosa estatutária!

Que me dizes disto, Callista!

Terei de apelar ao STJ!

Callista, não dizes nada?!

Callista. Affonso, pensaste bem?

Affonso. Sim, penso, penso e existo, Callista!

Penso que nosso casamento,

Celebrado em pleno berço

Da impávida civilização brasileira

Prescinde de reconhecimento evidente!

Callista. É o que pensas, Affonso?!

Affonso. Digo... No âmbito processual!

Sinto, Callista, sinto muito

Por ver-me homem limitado

Em diminutos questionamentos!

Callista. *(Deixando de lado o café terminado).*

Estás inseguro, Affonso.

Affonso. Um pouco. Não advogo há muito.

Callista. E ficas mais lindo assim.

Cheio de esplim, cioso de mim.
Mais moço, enfim.

Affonso. *(Deitado em regaço de Callista.)*

Não sei, Callista.
Sinto-me, sim, num esplim.
Acabou a Constituinte.
E eis-me aqui penando num processo.
Já não há mais glamorosa paisagem.
Já não cometo nenhum glorioso excesso.

Callista. Veja, Affonso,
Finalmente temos paz!
Vivemos felizes juntos.
Como todos os casais.

Affonso. Sim, claro.

Apenas com esse ligeiro incômodo,
Callista,
De ver-te prestes a ter declarada demência,
Ter nosso casamento religioso indissolúvel
Anulado por efeitos caóticos de segunda instância,
E ver-te humilhada, dispositivos constitucionais ausentes,
Ver o barbarismo triunfando no coronelismo renitente
Dos grotões eleitorais de economia bem-sucedida,
Essas coisas, que são vividas quotidianamente.

Callista. É. É isso que dá, Affonso, casar com mulher.

Affonso. *(Soergue a cabeça como um cisne)*

E que fazes, Callista. Costuras?

Callista. Sim. Devagar, é bom para a mente.
Seguir aprendendo novos ofícios.
Para não atirar-nos ao precipício.

Affonso. Então é isto?

Callista. Sim. Democracia é isto.

Affonso. Serás isentada no STF, Callista.
Em alguns anos estarás feliz de novo.
E me sorrirás como naquele dia, na janela.

Callista. Sim. Importante ter isso em mente, Affonso.
Como na prática se aplicam as cautelas.

(Continua costurando qualquer coisa).

Affonso. Que farás hoje para o jantar, Callista.

(Interrompendo-a antes que pudesse responder-lhe).

Callista, não me pareces a mulher que me parecia antes de casar.

Callista. Ah, é.

Affonso. É.

Callista. E por quê.

Affonso. Tinhas um certo quê de "liberdade-é-pouco, O-que-eu-
-quero-ainda-não-tem-nome"...

Callista. Por certo que eu não tinha nem tenho nada disso.

Affonso. Imaginei?

Callista. Imaginaste. Mas imaginaste isto agora, Affonso...

Tu e teus tempos recém-produzidos.

Affonso. Mas tinhas aspirações.

Que sacrificaste para casar-se.

Callista. Não.

Affonso. Não vai culpar-me de nada?

De tua vida enfadada, a costurar?

Callista. *(Interrompe a costura, para satisfazer a Affonso, Com atenção exclusiva e integral).*

Estás romântico, Affonso.

Bem sabes o que penso.

As mulheres desde sempre trabalharam.

Revolução em 1970?

Novos lamentos apenas se acrescentaram.

Se antes gestos poucos me bastavam

Para eleger-me e congratular-me,

Hoje em dia há tanto desprezo,

Se não reúno o dobro de charme!

Qual lucro teve a mulher

Em se jogar assim ao mercado

Sem garantir nenhuma salvaguarda?

Jornada dupla, tripla e assim se vai,

Em casa desprovida a retaguarda.

Muito demérito ao serviço pretérito
As mulheres em si lançaram;
Fato é que éramos felizes
Nas fainas que encanto logravam.
E no espaço público, quem ouve a mulher?
Depende que um homem a conceda
A palavra e o tempo que quer.
Buscam felizes e afoitas,
A aprovação do sexo oposto;
Para comprovar, com as açoitas,
A arapuca do respeito deposto.
Assim, seguimos como antes:
Vivendo de poder indireto.
Trabalhando em bastidores.
Protagonizando com o corpo correto.

Affonso. Callista. Viste que incluso está,
O artigo 6º. de tua Constituição?
O Senado era feito de homens.
Mas pensando sempre em retribuição.

Callista. Affonso! É preciso ser mãe
Para receber o que me cabe
Em função de distinta exigência?
Toda mulher tem dificuldades
Que extrapolam essa finalidade de existência.
Homens também as têm, me dizes?
A quando lhes foi vedado escola?
Desde quando ser homem honesto
É homem que é virgem na história?
Fato é, Affonso, que mesmo mãe sendo

É difícil que o mundo se ajuste podendo
À face da mulher em direito igualada.
O que se extrai da mulher, se extrai da mãe;
Esta, como sempre, ao dano muito mais calada.
De fato, Affonso,
Tu, e teus nobres amigos,
Conseguiram criar abrigo legislativo
No qual meus direitos são desagradados.
À mulher ainda resta, contudo,
A provisão, o tormento e o arado.
Ainda não sei, Affonso.
Como desfazer tamanha ditadura
A que se impõem as próprias mulheres,
Em consciência volátil, que cede dócil,
Examinada em função de ser pura.
É tão fácil dispensar-nos o abrigo,
Tão difícil escapar de uma agrura!
Se resolvemos viver por direito,
Surge lista de infindáveis defeitos;
E mulher linda não é aquela emancipada.
É a mulher que suporta além do limite;
É a mulher que sofre calada.
Se visto uma saia rodada, Affonso,
E saio por aí entregando discursos, sem rimas,
Ainda me prendem, me podam e me mentem.
Sou livre, dizes-me? Com mulher jamais diretamente se
esgrima.
Um mau-olhado e aí tens: a mulher diferente.
Escravidadas estão todas as mulheres, ainda,
Por padrões das quais não buscam tomar nas mãos
E verdadeiramente deles se tornar responsáveis...

(*Triste*).

Então costuro.

Costuro um pouco, e cozinho uns sabores inigualáveis.

(*Consolando-se com o amor de Affonso*).

Sobre os quais aparentemente não te diletas....

Affonso. Ah, é? Que fazes hoje?

Callista. *Patina versatilis vice dulcis.*

Affonso. Quê?

Callista. Um *chef* russo me ensinou.

Affonso. Russo? Quando?

Callista. (*Abominando a questão*).

Affonso. É delicioso?

Callista. Sim.

É o prato mais delicioso que existe.

Affonso. Callista, bom que seja,
Porque também estou muito triste.

Callista. (*Sorrindo, beija-o*).

És um sábio, Affonso, que não me responda.

E assim, fazes de mim uma joconda,
Feliz e completa em tê-lo.

(Toca a campainha. Um assistente entrega cópia da decisão.)

Affonso. Callista! Temos suntuosa súmula!

De meu túmulo poderei contemplar-te,
Sã e bela!

Nosso casamento está válido,
E não és demente, és singela!
Ah! A Constituição funciona!

Callista. Fico contente, Affonso,

Em finalmente saber disso.

Affonso. Callista! Sejas tão linda,

Como te mostras agora,
Até o fim dos tempos,
E estes teus fundamentos,
De lúcida liberdade,
Temperem os insaciáveis ânimos
De desejos inalienáveis.

Escuta!

Escuta a paz e o silêncio,
Dos que agora a si palpitam!
Assim, Callista... Não me é necessário
De gestos solenes fazer inventário
Para amar-te assíduo, em como procedo.
Indizível felicidade, de ter visto na carne...
Que alívio, só poder arremedos!

Callista. Affonso, só tu mesmo te incomodavas,
Minha memória para eventos desagradáveis
Sendo tradicionalmente péssima.
Noto que se conforma a igualdade,
Tendo a porta do dano à mulher sido aberta.
Vejo que memorável momento,
De tamanho contente...
Dele resulta certa;
Aberta, certa e convidativa,
Esta Carta votiva,
A algo que ainda não temos,
Mas que, de tão tangível e desejável,
Vejo como que diante dos meus olhos.
Convida a algo que não ainda não temos,
Mas que pode ser alcançado se queremos.

Entrelaçam-se as mãos e, servindo-se de pedaço de torta, prosseguem numa redimida e afável vida doméstica, que Callista muito merece depois de tanto tormento.



CENA V



Na corte integralista do Rio, cumprimentam amigos.

Na ilha fiscal, linda manhã de domingo, com vento nos arbustos cintilando as folhas.

Felisberta. Ah! Muito grata por virem,
Bem sabeis que somamos a todos!

Affonso. Agradeço em receber-nos,
Em somatórios e engodos.
Callista, lhe apresento a todos,
A todos, apresento Callista.

Callista. *(Reservadamente para Affonso).*
Notável intento, mas não vejo em ti nenhuma pista...
Bem sabes, Affonso, não sou dada a ismos.

Affonso. Vamos apenas circular, Callista.
Independente de programação.

Callista. Claro, claro. Se fui demente.
Devo ter um certo poder de visão.

Affonso. *(Gargalha).*
Achei que não fosses te divertir.

Callista. Bobagem. É importante, isto.
Um país é feito de opções.

Reencontram Messias, o arcebispo da diocese e várias personalidades em roupas coloridas. Constam Lula e outros parlamentares, inclusos militares, que os recebem de muito bom grado, e os felicitam pelo texto da Constituição.

Callista enxerga Jacinto à mesa de homenageados.

Vê também vários de seus grandes amigos integrando a mesa.

Jacinto, ao ver Callista sorridente e bem-arrumada, contraria-se e se incomoda com a presença dela ali. Segue-se um discurso. Callista

toma a palavra e dirige-se a Messias, Odacir, Amir e Ronaldo, cumprimentando-os.

Jacinto já não se comporta como dono do Congresso.

Em conversa reservadamente com Affonso, enquanto seguram uma taça.

Callista. Affonso,

Sabes que o processo administrativo
Foi muito sucinto e arquivado.
Não encontraram nenhum indício
Meio a desleixos desavisados.
Mas me encanta ver Jacinto;
E ver todo o seu desconforto.
Aliviada, é como eu me sinto;
Mas vejo nele um infantil absorto.
Não pelas bobagens a que me obrigou,
Em constrangimento de uma arguição;
Mas por achar que eu me desintegraria,
De um dia para o outro, por resolução.
Por ignorar que a vida é isso:
Uma permanente nova situação.

Brindam os convidados, à vontade e tupiniquins, em homenagem ao sucesso e longa vida da Constituição de 1988.

UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES RJ

Integrante da Federação Latinoamericana de Sociedades de Escritores



A UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES RJ, UBE-RJ no CONCURSO INTERNACIONAL DE LITERATURA 2015 tem o prazer de ofertar para livro inédito, na categoria **TEATRO - Menção Honrosa**

Escritora - **Raíssa Peluti Alencar** - diplomata, lotada no Palácio Itamaraty - BSB.

Livro: **O CONSTITUINTE.**

A entrega da láurea aconteceu no dia 30 de outubro, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro/ RJ.


Luciana R. V. Valverde
Presidente UBE-RJ


Luiz Gondim de A. Lins
Vice-presidente UBE-RJ

Academia Brasileira de Letras - Av. Pres. Wilson, 203 - Castelo, Rio de Janeiro/RJ, CEP: 20030-021; Telefone:(21) 3974-3500.
UBE-RJ: Sede: Rua Teixeira de Freitas, 5, 5/303 - Lapa - CEP 20021-350 Rio de Janeiro, RJ - CNPJ 29248549/0001-61
Endereço postal: MARCIA BARROCA/ União Brasileira de Escritores RJ, 1ª secretária - Rua Marquês de Olinda, 64/ 701- Bloco A
Botafogo, Rio de Janeiro - CEP 22251-040 - www.uberj.org.br ubescritores-rj@gmail.com
Secretaria: Marcia Barroca-marciabarroca2007@gmail.com



República do Brasil, Décio Villares, 1919.

www.anapaulaarendt.com



O CONSTITUINTE

ANA PAULA ARENDT

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-920735-6-9



Peça elaborada em versos de inspiração clássica, com base em pesquisa do Diário da Assembléia Nacional Constituinte e em depoimentos coletados pela autora. A Constituição Federal de 1988 é personificada por Callista, em um enredo protagonizado pelos grandes parlamentares que atuaram à época. Ao longo da história, desenrolada em uma trama popular e novelesca, a forma, os direitos e o teor da Constituição vão paulatinamente sendo revelados ao leitor.

Um poderoso soporífero para as crianças; um afrodisíaco lusófono para os adultos!

*"Em círculo, sentados sob o telhado marinho,
Deliberam, em vestes brancas, de linho,
Já em fresca noite, súbita e atraente,
Pois constituíam todos eles esfrias.
Rostos dourados, soprados pelo fogo,
Enunciam as palavras do dia seguinte,
Em doce súplica a Têmis, Suada e Minerva,
Que a vastidão do horizonte inspira
E que a versos de cântico solene abriga.
Tragadas pelo vento noturno,
Reinadas pela conjunção futura,
Reveladas na memória de um desejo
Ainda feitas de dúvidas sem chão,
Entoam, em canto e louvor benfazejo,
As notáveis frases que constituirão."*

